

LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE: O DISCURSO ROMÂNTICO- LINGUÍSTICO DOS IRMÃOS GRIMM

Marina Dupré Lobato

Profa. Dra. Mônica Maria Guimarães Savedra

Mestranda

RESUMO: A língua alemã assume posição central na obra dos Irmãos Grimm, frequentemente vinculada à noção de identidade nacional. Embora os autores estivessem cientes do caráter universal das narrativas populares, eles imprimiram e reforçaram muito da cultura e da história germânicas em suas versões de contos e lendas. Essa consciência pode ser constatada no próprio discurso dos irmãos, contido em paratextos e cartas, bem como na autobiografia de Jacob Grimm. Com base em estudos sobre cultura e identidade, procuramos analisar o discurso dos Grimm sobre a língua alemã. Para tanto, levamos em consideração o momento histórico em que esse discurso se insere – nesse caso, o século XIX em território germanófono – e o pensamento sobre a língua que marca esse período, que coincide historicamente com o surgimento dos estudos linguísticos como ciência, mais precisamente da linguística histórico-comparativa, para a qual Jacob Grimm contribuiu ativamente, como pioneiro em uma abordagem histórico-evolutiva das línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Irmãos Grimm, Língua, cultura e identidade, Romantismo linguístico

APRESENTAÇÃO

O desenvolvimento da linguística histórica em território germanófono está fortemente ligado ao surgimento do romantismo, que também tem início no fim do século XVIII, em território anglo-germânico.

O romantismo é considerado o grande movimento artístico-literário alemão, mas que também exerceu enorme influência sobre o pensamento filosófico e científico. Para Safranski (2010, p. 26-7), seu surgimento representa uma mudança de paradigma no pensamento europeu. A partir do entendimento de Herder sobre cultura, em que “a história da cultura da humanidade faz parte da história da natureza” – em oposição à Rousseau, que via seu tempo como uma degeneração – e do conceito de *Zeitgeist*, em que “cada momento, cada época possui seu próprio desafio e uma verdade que precisa ser agarrada e modulada”, tem início o pensamento histórico

moderno. A história deixa de ser um “indefinido cego” e passa a ter um sentido, uma continuidade.

É com a intenção de entender e alcançar os espíritos de outros tempos que Herder coleciona canções e narrativas populares. É neste contexto que surge a obra dos filólogos, linguistas e tradutores Jacob e Wilhelm Grimm, na qual a língua alemã assume posição central, fortemente vinculada à ideia de identidade nacional. O grande projeto dos irmãos era o de “resgatar” a cultura germânica por meio do estudo da língua e dos costumes dos tempos antigos. Com essa finalidade, desenvolvem tanto estudos de gramática histórica e etimologia, quanto de textos literários e jurídicos de matrizes germânicas.

SURGIMENTO DA LINGUÍSTICA HISTÓRICO- COMPARATIVA

A chamada “linguística histórica” tem seu início no final do século XVIII, a partir do interesse de intelectuais europeus nas civilizações antigas, e, conseqüentemente, no estudo de suas línguas (FARACO, 2005). No entanto, estudos anteriores já apontavam para essa direção ainda no início do século XVIII, como é o caso do Gottfried Wilhelm von Leibniz, que contestava o modelo e a “visão lógico-universalista aristotélica e racionalista da gramática de Port-Royal” (CARBONI, 2008, p. 25) e defendia a ideia da comparação entre as línguas. De fato, o advento dos estudos comparativos representa uma mudança de perspectiva: o que se busca, a partir de então, não é a língua ideal, perfeita (as línguas clássicas), mas a língua original.

A vertente comparativista surge no início do século XIX – uma área de estudos desenvolvida principalmente na Alemanha, tendo Friedrich Schlegel, Franz Bopp e Jacob Grimm como principais representantes. A vertente histórica, por sua vez, é inaugurada pelo estudo de Jacob Grimm, *Deutsche Grammatik* (1878 [1822]), sobre mutações fonéticas no ramo germânico das línguas indo-europeias. Esse ramo de estudos passa, a partir de então, a ser conhecido como gramática ou linguística histórico-comparativa: “A partir dos estudos de Grimm, ficou claro que a sistematicidade das correspondências entre as línguas tinha a ver com o fluxo histórico e, mais especificamente, com a regularidade dos processos de mudança linguística” (FARACO, 2005, p. 136)

Em oposição aos estudos unicamente comparativos, que buscavam estabelecer o parentesco entre as línguas, a vertente histórica atém-se também à evolução das línguas. A chamada “lei de Grimm”, ou teoria da “mutação fonética” (*Lautverschiebung*), tomada como algo sistemático, inerente ao próprio sistema e passível de “previsão”, remete a uma forma de

pensamento positivista, na medida em que funciona como “lei da natureza” (AUROUX, 1998, p. 339-40). Nesse momento, os estudos histórico-comparativos adotam um modelo naturalista e evolucionista de descrição das línguas, especialmente a partir da obra de August Schleicher, formado em botânica. Desta interferência, a linguística se impregna da concepção de língua como “organismo vivo”, como entidade independente de seus falantes, cuja história é tomada como “história natural”, regida por leis idênticas às da natureza (FARACO, 2005).

LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

O conceito de cultura, como formulado por Johann Gottfried von Herder em meados do século XVIII, permanece central para diversas áreas do conhecimento moderno e contemporâneo. Como aponta Scruton (2012, p. 48), Herder opõe Cultura (*Kultur*) e Civilização (*Zivilisation*), que representam, respectivamente, o espírito de um povo e um conjunto de conhecimento adquirido. Sob essa perspectiva, nações podem fazer parte da mesma civilização, mas serão sempre, em níveis diversos, distintas culturalmente.

Scruton denomina “cultura” em sua acepção antropológica como “cultura comum” (*common culture*) – no sentido de “compartilhada por todos” –; e “cultura” como forma de *expertise*, como “alta cultura” (*high culture*). No entanto, descreve ainda outro significado para o termo, que denomina “cultura popular” (*popular culture*), derivado do primeiro e surgido a partir do desaparecimento de sociedades tradicionais e de pertencimento “tribal”.

Wagner (2012), por sua vez, parte da concepção latina da palavra “cultura” para descrever seus desdobramentos posteriores – palavra que tem origem no particípio passado do verbo latino *colere*, cujo significado, “cultivar”, estava inicialmente relacionado ao cultivo do solo, mas que, posteriormente, teve seu sentido ampliado para “um processo de procriação e refinamento progressivo na domesticação de um determinado cultivo, ou mesmo o resultado ou incremento de tal processo” (WAGNER, 2012, p. 76-77). No que se refere à acepção antropológica, Wagner a trata como um novo desdobramento metafórico, mais uma vez ampliado, agora de um sentido individual para um coletivo.

Os estudos de Bauman (2005) e Hall (2011) tratam principalmente da identidade no âmbito do indivíduo, mas também abordam questões sobre “identidade nacional”. O primeiro considera a identidade nacional uma ficção, algo inventado e não naturalmente surgido da experiência humana (BAUMAN, 2005, p. 21). De modo análogo, o segundo trata a cultura nacional, típica do estado moderno no ocidente, como um sistema de representação, e a

identidade nacional, como uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 1983 *apud* HALL, 2011, p. 51). Essa comunidade imaginada se apoia em cinco estratégias discursivas principais: a “narrativa da nação”, que abrange os modos de expressão nacionais e representa experiências partilhadas; a crença na identidade nacional como primordial, como parte da natureza e cujos elementos que a constituem permanecem imutáveis no curso da história; a “tradição inventada”, ou seja, um conjunto de práticas que visam difundir determinados valores e normas comportamentais de origem supostamente histórica; o mito de fundação, a história que define tanto a origem da nação e do povo quanto seu caráter nacional; e, por fim, o discurso da pureza e da originalidade do povo (*folk*).

O DISCURSO ROMÂNTICO-LINGUÍSTICO DOS IRMÃOS GRIMM

Em uma carta ao escritor Achim von Arnim, datada de 20 de maio de 1811, Jacob Grimm faz a oposição entre os conceitos de *Naturpoesie* (“Poesia da Natureza”) e *Kunstpoesie* (“Poesia da Arte”), de autoria de Johann Gottfried von Herder (2017 [1773]), e os associa diretamente à “língua antiga” e à “língua nova”, respectivamente:

Literatura (Poesie) é aquilo que emana só da alma e se transforma em palavras. Assim ela brota continuamente de um impulso natural e da habilidade de capturar este impulso – a literatura do povo (Volkspoesie) emerge da alma de toda a comunidade. O que eu chamo literatura cultivada (Kunstpoesie) emerge do indivíduo. É por isso que a nova literatura nomeia seus poetas; e a antiga não tem ninguém para nomear. Ela não foi feita por um, dois ou três, mas é a soma de toda a comunidade. Nós não podemos explicar como tudo convergiu e foi trazido à tona. Mas isso não é mais misterioso do que a maneira como as águas se encontram em um rio para correrem juntas. É inconcebível para mim que possa ter havido um Homero ou um autor dos Nibelungos... A literatura antiga é completamente igual à língua antiga, simples e rica em si mesma. Na língua antiga não há nada além de palavras simples, mas elas são em si mesmas capazes de tão grandes reflexões e flexibilidade, que a língua realiza maravilhas. A nova língua perdeu a inocência e se tornou mais rica por fora, mas isso através de síntese e coincidência, e, portanto, ela às vezes precisa de grande preparação para expressar uma simples frase... [...] Portanto, eu vejo na literatura cultivada (Kunstpoesie), ou como você quiser chamá-la, o que eu denomino como preparação, embora a palavra seja boa e não se refira a algo morto ou mecânico. Na literatura da natureza (Naturpoesie), há algo que emana de si mesma. (GRIMM, 1811 *apud* SEITZ, 1984, p. 48, tradução nossa, grifos nossos)

A partir desta reflexão, é possível notar que Jacob Grimm valoriza o caráter “natural” e, por assim dizer, espontâneo da língua e da literatura alemãs antigas, em contraste à forma “artificial” – no sentido de cultivada, racionalizada, especialmente em referência ao termo

Kunst – como a língua se realiza em seu tempo, o século XIX, período do romantismo e de intensa produção literária e científica em território germanófono.

Esse caráter “natural” da língua e literatura antigas é enfatizado pelo uso de palavras como *entspringen* (“brotar”), e imagens como a do encontro das águas de um rio, que fazem referência a fenômenos da natureza e servem de metáfora para a formação da “literatura do povo”. Nesse caso, o objeto é a fusão da língua e da literatura dos antigos/do povo – em oposição à literatura/língua cultivada, ou seja, não “brotada” naturalmente.

Também é importante perceber que todas essas ideias são elaboradas em torno da língua alemã – como herança cultural e maior expressão do povo alemão, inclusive em um sentido ativo, como portadora do próprio caráter desse povo, “simples”, mas capaz de “tão grandes reflexões e flexibilidade”. Essa interpretação é possível em comparação a outros escritos, como os encontrados na autobiografia de Jacob Grimm: no momento em que o autor descreve sua vida de estudante em Marburg, por exemplo, e reflete sobre o fato de o povo alemão ser pobre (simplicidade), mas capaz de prosperar por meio do trabalho esforçado e caminhos não usuais (flexibilidade) (GRIMM, 2013 [1831], p. 14-5):

Em Marburg eu precisava viver com restrição; nunca conseguimos nenhuma ajuda, mesmo com as previsões, embora a mãe fosse viúva de um funcionário público, e que criou cinco filhos para o Estado; as maiores bolsas de estudo eram distribuídas aos meus colegas de escola de Marburg que faziam parte da nobreza de Hessen e que deviam ser os mais ricos proprietários de bens do país. Mas em mim isso nunca doeu, mais do que isso eu encontrei depois a sorte e a liberdade de circunstâncias de riqueza na medida certa. Pobreza motiva empenho e trabalho, protege da distração, do orgulho não nobre que mantém a consciência do que se ganhou por merecimento frente ao que aos outros concede a riqueza e a posição. Eu gostaria de generalizar ainda mais e afirmar que muito do que os alemães alcançaram de modo geral deve ser atribuído ao fato de não ser um povo rico. Eles trabalham de baixo para cima e tem êxito ao seguir caminhos peculiares e não usuais enquanto outros povos caminham sobre uma avenida ampla e pavimentadas. (GRIMM, 2013 [1831], pp. 29-30, tradução nossa, grifos nossos)

No prefácio à *Kinder- und Haus Märchen* (“Contos de fada infantis e domésticos”), os autores ocupam claramente a posição de filólogos, coletores de narrativas em forma “pura”:

Esforçamo-nos em interpretar esses contos do modo mais puro possível; em muitos deles não de se achar interrupções dos relatos com rimas e versos que às vezes até aliteram visivelmente, mas nunca são cantados enquanto são contados, e são esses justamente os mais antigos e melhores. Nenhuma circunstância foi acrescentada, melhorada ou mudada, pois teríamos ressaltado em aumentar sagas por si só tão ricas com sua própria analogia ou

reminiscência, elas são impensáveis. (GRIMM, 2012, p. 32, trad. Christine Röhrig, grifos nossos)

A valorização da antiga língua, “não cultivada” também fica mais uma vez evidente: os contos mais antigos são os melhores linguisticamente. O enfoque nos aspectos estilísticos e linguísticos, além da preocupação com relação a outras variedades linguísticas do texto, é evidente. Nesse sentido, a posição do escritor é silenciada e vista, implicitamente, de modo negativo, distanciada da “essência” da língua:

Se tivéssemos sido tão felizes em poder contá-los (os contos) no respectivo dialeto, sem dúvida teriam ganhado muito. Esse é um caso em que toda a cultura aprendida, a fineza e a arte de uma língua vão por água abaixo, e onde se sente que uma linguagem escrita refinada, por mais elegante que possa ser sob outros aspectos, se tornou mais clara e transparente, mas também sem gosto, uma vez que não mais se atém firme à essência. (GRIMM, 2012, p. 33, trad. Christine Röhrig)

Os prefácios e cartas dos Grimm são essenciais para o entendimento das motivações dos irmãos na constituição de sua obra. Neles, é possível perceber que o estilo narrativo dos irmãos não é “livre”, mas bastante pautado pelas concepções que tinham sobre a antiga língua alemã – que privilegiavam em detrimento da “nova”. Essa atuação consciente no estabelecimento das narrativas serve para ilustrar justamente o oposto do que manifestamente pretendem realizar. Apesar de valorizarem a constituição coletiva e anônima dos contos e lendas, eles realizam escolhas racionais baseadas em uma concepção idealizada da língua alemã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção naturalista de língua talvez não se relacione somente às ciências naturais e ao racionalismo iluminista do século XIX, mas à própria constituição do romantismo, todo marcado por uma visão “naturalizante” – no entanto selvagem (irracional) – de mundo. As analogias entre língua, povo, história e natureza refutam tanto uma concepção universalista quanto cultural. Essa aparente contradição pode ser percebida na obra dos Grimm, na medida em que buscam tanto o que há de sistemático e universal nas línguas (lei de Grimm), quanto de genuinamente germânico e original na língua (contos e lendas) e, por consequência, na cultura alemãs. Trata-se, nada menos, da contradição expressa por Humboldt (2006) sobre língua e a noção de *Weltanschauung* (visão de mundo), que admite, por um lado, o caráter universal do modo como as línguas se estruturam e, por outro, as diferenças entre elas resultantes das

experiências de cada povo diante do mundo e da realidade. Essa “experiência do mundo”, a cultura de um povo, é que determinaria o tipo de língua que possui, e a língua, por sua vez, em sentido inverso, é que determinaria a maneira como esse povo pensa.

REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. *A filosofia da linguagem*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CARBONI, Florence. *Introdução à linguística*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

GRIMM, Jacob. Selbstbiographie. In: _____, *Werke von Jacob Grimm* [1831]. Münster: Die Perfekte Bibliothek, 2013.

GRIMM, Jacob und Wilhelm. *Contos maravilhosos infantis e domésticos*. Trad. Christine Röhrig. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

HERDER, Johann Gottfried von. *Auszug aus einem Briefwechsel über Ossian und die Lieder alter Völker* [1773]. Disponível em: [\[http://www.uni-due.de/lyriktheorie/texte/1773_herder.html\]](http://www.uni-due.de/lyriktheorie/texte/1773_herder.html) Acesso em: 20/10/2017.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantismo: uma questão alemã*. Trad. Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

SCRUTON, Roger. *Modern Culture*. London: Bloomsbury, 2012.

SEITZ, Gabriele. *Die Brüder Grimm: Leben, Werk, Zeit*. Bochum: Winkler, 1984.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2012.